

* *
*

PEREIRA (João Baptista Borges). — *Italianos no Mundo Rural Paulista*. São Paulo, Pioneira, Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. 1974 (Biblioteca Pioneira de Estudos Brasileiros).

Estudos a respeito de imigrantes italianos — e seus descendentes — que se estabeleceram no Brasil durante o final do século passado e início deste são relativamente abundantes. Não se constata o mesmo, entretanto, com relação a grupos de origem idêntica que chegaram ao nosso país em períodos posteriores à Segunda Guerra Mundial. Um destes grupos, porém, foi sistematicamente investigado pelo Prof. João Baptista Borges Pereira; seu livro ITALIANOS NO MUNDO RURAL PAULISTA é o resultado da análise dos fenômenos desencadeados pelo contacto de representantes da sociedade nacional com imigrantes italianos que se fixaram, a partir de 1953, no núcleo colonial de Pedrinhas, região da alta Sorocabana, Estado de São Paulo.

Apoiando-se na teoria antropológica da aculturação (1), o autor realizou prolongadas pesquisas na área (“subexpressão da realidade brasileira”), no próprio núcleo e também na Itália. A escolha da “linha teórica” acima indicada deveu-se à natureza do objeto de estudo, pois tratava-se da análise de um grupo de imigrantes levado, de imediato, a estabelecer múltiplos laços com a sociedade brasileira. Assim, com o interesse voltado sobretudo para os mecanismos que impedem ou estimulam o processo aculturativo, o autor procurou apreender os aspectos dinâmicos ligados à situação de contacto entre contingentes demográficos culturalmente distintos.

As causas — gerais e específicas — responsáveis pela formação do grupo e seu deslocamento espacial em busca de melhores oportunidades de vida foram encontradas no desorganizado contexto sócio-econômico italiano de após-guerra, na tradição cultural deste país (“A Itália é um país de emigração”) — a qual exerce considerável influência na expulsão de excedentes populacionais —, bem como nas biografias dos próprios imigrantes.

Chegaram a Pedrinhas as primeiras famílias, procedentes das mais diversas regiões italianas, trazendo consigo características sócio-culturais inerentes às suas respectivas áreas de origem (diferenças linguísticas, alimentares, preconceitos, etc.). Encontraram pela frente — além da heterogeneidade do grupo assim constituído — uma nova realidade, “... ao mesmo tempo físico-geográfica, demográfica, social e cultural”, a ser enfrentada com os recursos culturais de origem, visivelmente inadequados ao ajustamento imediato às condições de vida específicas do país hospedeiro. Por outro lado, como a impossibilidade de “fechamento” da comunidade recém-formada sobre si mesma estava contida no próprio planejamento que orientou o empreendimento colonizador, impunha-se a vinculação com a sociedade inclusiva.

(1). — Basicamente a proposta de Siegel, Vogt, Watson e Broom — “Acculturation: an exploratory formulation” In *American Anthropologist*, vol. 54, nº 6, 1954.

Segundo o plano formulado pela Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana (responsável pelo empreendimento), concebido em larga medida como iniciativa privada, a comunidade de imigrantes deveria dedicar-se a um tipo de agricultura moderna, racional, mecanizada, visando a produção de mercadorias comercializáveis no mercado interno e mundial. Financiamentos, fertilizantes, ferramentas, etc., teriam que ser obtidos junto aos centros urbanos próximos (Assis, Presidente Prudente e outros), o que obrigava o núcleo a estabelecer relações — no mínimo econômicas — com brasileiros da área.

Superado o impacto decorrente dos contactos iniciais com a nova realidade o imigrante vai, paulatinamente, redefinindo a imagem a respeito do país de adoção. Alcançando êxitos econômicos, sofrendo influências urbanas (rádio, televisão, jornais e escolas), encaminha-se na direção da competição intragrupal (amplamente discutida pelo autor). A área urbana do núcleo, em expansão, refletia com clareza as mudanças ocorridas após a fase do predomínio dos “focos de tensão”.

Desta maneira, as gerações mais novas, a adoção de elementos técnicos e de padrões urbanos, o sistema de produção “dependente” e as influências mencionadas acima atuavam favoravelmente no processo de integração do grupo à sociedade inclusiva, na absorção de padrões culturais brasileiros. No entanto, a Igreja, a área rural e as gerações mais antigas representavam ainda focos de resistência a este processo. Estes fatores levaram o autor a caracterizar o instante do processo aculturativo por ele observado durante o andamento das investigações como um instante de “transição”, marcado por uma configuração cultural grupal até certo ponto sincrética, composta pelas experiências do passado, por elementos da vida brasileira e por esquemas impostos pelo plano colonizador.

Envolvido ainda pela primeira fase — propriamente econômica — do processo de integração ao novo país; preconceituando e rejeitando do convívio íntimo o brasileiro da área circundante, geralmente seu empregado e subordinado; lutando por permanecer fiel à pátria de origem e às suas tradições culturais, o imigrante italiano já não mais conseguia resistir às influências (urbanas, principalmente) da sociedade brasileira.

João Baptista Borges Pereira encerrou suas investigações neste momento da marcha aculturativa, após reconstituir também o desenvolvimento do grupo desde os primeiros instantes de sua formação. Fez chegar até aos leitores, contudo, relato minucioso e preciso do trabalho científico realizado, esclarecendo e documentando, neste seu livro, o “processo de integração de um grupo étnico adventício dentro de uma subexpressão da realidade brasileira”.

RENATO DA SILVA QUEIROZ.

* * *